

ITALO CALVINO

COLEÇÃO DE AREIA

Tradução:
MAURÍCIO SANTANA DIAS



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2002 by Espólio de Italo Calvino
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original:
Collezione di sabbia

Capa:
Raul Loureiro

Preparação:
Silvia Massimini Felix

Revisão:
*Huendel Viana
Camila Saraiva*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Calvino, Italo, 1923-1985.
Coleção de areia / Italo Calvino ; tradução Mauricio
Santana Dias. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: *Collezione di sabbia*
ISBN 978-85-359-1692-8

1. Crítica literária 2. Ensaios 3. Literatura - História e
crítica I. Título.

10-05922

CDD-809

Índices para catálogo sistemático:
1. Clássicos : Literatura : História e crítica 809
2. Obras literárias : Apreciação crítica 809

2010

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

Apresentação, 7

PARTE 1. EXPOSIÇÕES. EXPLORAÇÕES

1. Coleção de areia, 11
2. Como era novo o Novo Mundo, 17
3. O viajante no mapa, 25
4. O museu dos monstros de cera, 33
5. O patrimônio dos dragões, 40
6. Antes do alfabeto, 46
7. As maravilhas da imprensa marrom, 54
8. Um romance dentro de um quadro, 60
9. Digam com os nós, 68
10. Escritores que desenham, 72

PARTE 2. O RAI DO OLHAR

11. Em memória de Roland Barthes, 81
12. As efêmeras na fortaleza, 87
13. O porco e o arqueólogo, 90
14. A narrativa da Coluna de Trajano, 98
15. A cidade escrita: epígrafes e grafites, 106
16. A cidade pensada: a medida dos espaços, 114

17. A redenção dos objetos, 119

18. A luz nos olhos, 125

PARTE 3. RELATOS DO FANTÁSTICO

19. As aventuras de três relojoeiros e de três autômatos, 135

20. A geografia das fadas, 140

21. O arquipélago dos lugares imaginários, 145

22. Os selos dos estados de ânimo, 150

23. A enciclopédia de um visionário, 155

PARTE 4. A FORMA DO TEMPO

Japão

24. A velha senhora de quimono violeta, 165

25. O avesso do sublime, 173

26. O templo de madeira, 180

27. Os mil jardins, 183

28. A lua corre atrás da lua, 187

29. A espada e as folhas, 189

30. Os fliperamas da solidão, 191

31. Eros e descontinuidade, 194

32. A nonagésima nona árvore, 196

México

33. A forma da árvore, 201

34. O tempo e os ramos, 205

35. A floresta e os deuses, 208

Irã

36. O mihrab, 213

37. As chamas em chamas, 217

38. As esculturas e os nômades, 223

Nota, 228

APRESENTAÇÃO

A primeira edição de Coleção de areia saiu em outubro de 1984 na série Saggi blu da Editora Garzanti. Ao contrário do que vinha ocorrendo com os livros até então publicados pela Einaudi — quase sempre acompanhados, quando apareciam, de entrevistas e autocomentários —, Calvino limitou-se a escrever na quarta capa do volume a breve apresentação anônima que aqui reproduzimos.

De Paris, Italo Calvino envia de vez em quando ao jornal em que colabora um artigo sobre alguma exposição insólita, que lhe permite contar uma história por meio de um desfile de objetos: antigos mapas-múndi, manequins de cera, tabuletas de argila com escritas cuneiformes, gravuras populares, vestígios de culturas tribais e assim por diante. Alguns traços da fisionomia do escritor emergem dessas páginas “de ocasião”: onívora curiosidade enciclopédica e discreto afastamento de qualquer especialismo; respeito pelo jornalismo como informação impessoal e prazer de confiar as próprias opiniões a observações marginais ou de escondê-las nas entrelinhas; meticulosidade obsessiva e contemplação desapaixonada da verdade do mundo. Além de dez dessas crônicas de passeios pelas salas de galerias parisienses, *Coleção de areia* reúne outras páginas de “coisas vistas” ou que, mesmo se nascidas de leituras de livros,

têm como objeto o visível ou o próprio ato de ver (incluído o ver da imaginação). Completam o volume três grupos de reflexões à margem de viagens a outras civilizações — Irã, México, Japão —, onde das “coisas vistas” se abrem frestas de outras dimensões da mente.

Parte 1

EXPOSIÇÕES. EXPLORAÇÕES

1. COLEÇÃO DE AREIA

Há uma pessoa que faz coleção de areia. Viaja pelo mundo e, quando chega a uma praia de mar, à orla de um rio ou de um lago, a um deserto, a uma charneca, recolhe um punhado de areia e o carrega consigo. Na volta, esperam-na alinhadas em longas prateleiras centenas de frasquinhos de vidro nos quais a fina areia cinzenta do Balaton, a areia alvíssima do golfo do Sião, a vermelha que o curso do Gâmbia deposita pelo Senegal abaixo desdobram sua limitada gama de cores esfumadas, revelam uma uniformidade de superfície lunar, mesmo passando por diferenças de granulidade e consistência, do cascalhoso preto e branco do Cáspio, que parece ainda encharcado de água salina, aos minúsculos pedriscos de Maratea, igualmente pretos e brancos, à sutil farinha branca pontilhada de caracóis lilases de Turtle Bay, perto de Malindi, no Quênia.

Numa exposição de coleções estranhas que houve recentemente em Paris — coleções de chocalhos de vacas, de jogos de tômbola, de tampas de garrafa, de apitos de terracota, de tíquetes ferroviários, de piões, de invólucros de rolos de papel higiênico, de distintivos colaboracionistas da ocupação, de rãs embalsamadas —, a vitrine da coleção de areia era a menos chamativa, mas também a mais misteriosa, a que parecia ter mais coisas a dizer, mesmo através do opaco silêncio aprisionado no vidro das ampolas. Passando em revista esse florilégio de areias, o olho capta primeiro apenas as amostras que mais se

destacam, a cor ferrugem de um leito seco de rio no Marrocos, o branco e preto carbonífero das ilhas de Aran ou uma mistura cambiante de vermelho, branco, preto, cinza que traz na etiqueta um nome ainda mais policromo: ilha dos Papagaios, México. Depois as diferenças mínimas entre areia e areia obrigam a uma atenção cada vez mais absorta, e assim, pouco a pouco, entra-se numa outra dimensão, num mundo que não tem outros horizontes senão essas dunas em miniatura, onde uma praia de pedrinhas cor-de-rosa nunca é igual a outra praia de pedrinhas cor-de-rosa (misturadas com os brancos da Sardenha e das ilhas Granadinas do Caribe; misturadas com os cinzas de Solenzara, na Córsega), e uma extensão de cascalho miúdo e preto em Port Antonio na Jamaica não é igual a uma da ilha Lanzarote nas Canárias nem a outra que vem da Argélia, talvez do meio do deserto.

Tem-se a impressão de que essa amostragem da Waste Land universal esteja para nos revelar alguma coisa importante: uma descrição do mundo? Um diário secreto do colecionador? Ou um oráculo sobre mim, que estou a escutar nestas ampuhetas imóveis minha hora de chegada? Tudo isso junto, talvez. Do mundo, a colheita de areias selecionadas registra um resíduo de longas erosões que é simultaneamente a substância última e a negação de sua exuberante e multiforme aparência: todos os cenários da vida do colecionador surgem mais vivos que numa série de slides coloridos (uma vida — dir-se-ia — de eterno turismo, como aliás parece ser a vida nos slides, e assim a reconstituíriam os pôsteros se restassem somente eles como documentos de nosso tempo — um deleitar-se em praias exóticas alternado a explorações mais arriscadas, numa inquietude geográfica que trai uma incerteza, uma ânsia), evocados e ao mesmo tempo cancelados pelo gesto já compulsivo de inclinar-se para recolher um pouco de areia e encher um saquinho (ou um recipiente de plástico? ou uma garrafa de coca-cola?) e depois dar meia-volta e ir embora.

É que, como toda coleção, esta também é um diário: diário

de viagens, claro, mas também diário de sentimentos, de estados de ânimo, de humores; ainda que não possamos estar seguros de que realmente exista uma correspondência entre a fria areia cor de terra de Leningrado ou a finíssima areia de Copacabana e os sentimentos que elas evocam quando as vemos aqui, engarrafadas e etiquetadas. Ou talvez apenas diário daquela obscura agitação que leva tanto a reunir uma coleção quanto a manter um diário, isto é, a necessidade de transformar o escorrer da própria existência numa série de objetos salvos da dispersão, ou numa série de linhas escritas, cristalizadas fora do fluxo contínuo dos pensamentos.

O fascínio de uma coleção está nesse tanto que revela e nesse tanto que esconde do impulso secreto que levou a criá-la. Entre as estranhas coleções da mostra, uma das mais impressionantes era com certeza aquela das máscaras antigas: uma vitrine de onde faces verdes ou acinzentadas de pano ou de borracha olhavam por cegos olhos redondos e saltados, de nariz-focinho cilíndrico ou em forma de tubo articulado. Que espírito terá conduzido o colecionador? Um sentimento — creio — ao mesmo tempo irônico e assustado diante de uma humanidade que estivera perfeitamente pronta a uniformizar-se com aqueles semblantes entre animais e mecânicos; ou talvez até uma confiança nos recursos do antropomorfismo que inventa novas formas à imagem e semelhança do rosto humano para adaptar-se a respirar fôsgênio ou iperita, não sem uma ponta de caricatural deboche. E certamente também uma vingança contra a guerra, ao fixar naquelas máscaras o aspecto rapidamente obsoleto e que, portanto, agora parece mais ridículo que terrível; mas também o sentimento de que naquela crueldade atônita e estúpida ainda se reconheça nossa verdadeira imagem.

Certo, se a reunião de máscaras antigas podia ainda transmitir um humor de algum modo hílare e corroborante, pouco mais à frente um efeito gélido e angustioso era produzido por um colecionador de Mickey Mouse. Um sujeito recolheu, seguramente ao longo de toda a vida, bonecos, brinquedos, caixas

de produtos, bonés, máscaras, malhas, móveis e babadouros que reproduzem as feições estereotipadas do ratinho da Disney. Da vitrine apinhada, centenas de orelhas pretas e redondas, de focinhos brancos com a bolinha negra do nariz, de grandes luvas brancas e braços pretos filiformes concentram sua euforia açucarada numa visão de pesadelo, revelam uma fixação infantil naquela única imagem apaziguante em meio a um mundo assombroso, de modo que a sensação de terror termina por tingir de si aquele único talismã em suas inumeráveis aparições em série.

Mas onde a obsessão colecionista se dobra sobre si mesma revelando o próprio fundo de egotismo é num mostruário repleto de pastas simples de papelão amarradas por fitas, em que, sobre cada uma delas, uma mão feminina escreveu títulos como: “Os homens que me agradam”; “Os homens que não me agradam”; “As mulheres que admiro”; “Meus ciúmes”; “Meus gastos diários”; “Minha moda”; “Meus desenhos infantis”; “Meus castelos”; e até “Os papéis que envolviam as laranjas que comi”.

O que esses dossiês possam conter não é um mistério, pois não se trata de uma expositora ocasional, mas de uma artista de profissão (Annette Messager, colecionadora: assim assina), que fez de suas séries de recortes de jornais, folhetos de apontamentos e esboços várias mostras individuais em Paris e Milão. Mas o que nos interessa agora é justamente essa extensão de capas fechadas e etiquetadas e o procedimento mental que implicam. A própria autora o definiu claramente: “Tento possuir e apropriar-me da vida e dos acontecimentos de que tenho notícia. Durante todo o dia folheio, recolho, ponho em ordem, classifico, peneiro e reduzo o todo à forma de vários álbuns de coleção. Essas coleções então se tornam minha própria vida ilustrada”.

Os próprios dias, minuto por minuto, pensamento por pensamento, reduzidos a coleção: a vida triturada numa poalha de grãos — a areia, ainda.

Volto sobre meus passos, em direção à vitrine da coleção de areia. O verdadeiro diário secreto a ser decifrado está aqui, entre essas amostras de praias e de desertos encapsulados no vidro. Também aqui o colecionador é uma mulher (leio no catálogo da exposição). Mas por ora não me interessa dar-lhe um rosto, uma figura; vejo-a como uma pessoa abstrata, um eu que até poderia ser eu, um mecanismo mental que tento imaginar ao trabalho.

E então está de volta de uma viagem, acrescenta novos frascos aos outros em fila e de repente se dá conta de que, sem o índigo do mar, o brilho daquela praia de conchas moídas se perdeu, que do calor úmido dos uadis nada restou na areia encapsulada, que, distante do México, a terra misturada à lava do vulcão Paricutín é um pó negro que parece varrido da garganta de uma lareira. Tenta reconduzir à memória as sensações daquela praia, aquele cheiro de floresta, aquela ardência, mas é como sacudir aquele pouco de areia no fundo da garrafa etiquetada.

A essa altura só restaria se render, afastar-se da vitrine, desse cemitério de paisagens reduzidas a deserto, de desertos sobre os quais não sopra mais o vento. No entanto, quem teve a constância de levar adiante por anos essa coleção sabia o que estava fazendo, sabia aonde queria chegar: talvez justamente distanciar de si o barulho das sensações deformantes e agressivas, o vento confuso do vivido, e ter afinal para si a substância arenosa de todas as coisas, tocar a estrutura siliciosa da existência. Por isso ela não tira os olhos dessas areias, entra com o olhar num dos frascos, escava ali dentro sua toca, concentra-se, extrai as miríades de notícias adensadas num montinho de areia. Cada cinza, uma vez decomposto em grãos claros e escuros, luminosos e opacos, esféricos, poliédricos, achatados, não se vê mais como cinza ou só então começa a fazer com que você compreenda o significado do cinza.

Assim, decifrando o diário da melancólica (ou feliz?) colecionadora de areia, cheguei a interrogar-me sobre o que está escrito naquela areia de palavras escritas que enfileirei durante

■ *ITALO CALVINO*

minha vida, aquela areia que agora me parece tão distante das praias e dos desertos da vida. Talvez fixando a areia como areia, as palavras como palavras, possamos chegar perto de entender como e em que medida o mundo triturado e erodido ainda possa encontrar nelas fundamento e modelo.

[1974]